

“Antes e depois real”: o corpo feminino e os padrões estéticos à luz da Gramática Sistêmico-Funcional*

*“Antes e depois real”: the
female body and aesthetic
standards in light of Systemic-
Functional Grammar*

Guianeza Mescherichia de Góis Saraiva MEIRA (UERN)
guanezzasaraiva@uern.br

Danielle Brito da CUNHA (UFRN)
professoradanibrito@gmail.com

Recebido em: 31 de out. de 2019.
Aceito em: 09 de maio de 2020.

* Trabalho apresentado no I Encontro Nacional em LSF, realizado em Fortaleza/CE, dia 07 de junho de 2019, na modalidade Comunicação.

MEIRA, Guianeza Mescherichia de Góis Saraiva; CUNHA, Danielle Brito da. “Antes e depois real”: o corpo feminino e os padrões estéticos à luz da Gramática Sistêmico-Funcional. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. esp., p. 136-154, ago. 2020. DOI: 10.22168/2237-6321-9esp1773.

Resumo: A busca pelo corpo perfeito e os padrões de beleza impostos pela mídia são pautas recorrentes nas redes sociais, o que influencia direta e indiretamente a formação dos sujeitos. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar, sob o viés da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), três postagens que versam sobre a transformação do corpo, a fim de compreender a formação desses sujeitos por meio da materialidade linguística. Para isso, escolhemos a página do *Instagram* “Antes e depois real”, que evidencia em suas postagens fotos do antes e do depois, além de uma pequena descrição de como se deu o processo de emagrecimento, em formato de depoimento, que chamaremos, aqui, de Narrativa do Eu. Teoricamente, recorreremos às bases conceituais da GSF, mais especificamente à metafunção ideacional e ao Sistema de Transitividade, propostos por Halliday (2004, 2014). Nortearam, também, as análises deste artigo os postulados de Fairclough (2008), Hall (2005), Cunha e Souza (2011) e Del Priore (2013). No que diz respeito aos aspectos metodológicos, convém frisar que a pesquisa é transdisciplinar, por aliar os Estudos da Linguagem, os Estudos Culturais e a Sociologia.

Ademais, a abordagem se caracteriza como qualitativa e quantitativa, tendo em vista a importância da quantificação dos verbos no processo de interpretação dos dados. Os resultados das narrativas analisadas indicam a fragmentação das identidades dos sujeitos, decorrentes das mudanças socioculturais, quanto aos padrões corporais, bem como das relações de poder que as mídias digitais exercem sobre os sujeitos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Gramática Sistêmico-Funcional. Narrativas do Eu. “Antes e depois real”.

Abstract: The pursuit of the perfect body and the beauty standards imposed by the media are recurrent guidelines in social networks, which directly and indirectly influences in the subjects' education. In this sense, this paper aims at analyzing, under the bias of the Systemic-Functional Grammar (SFG), three posts that copy with the body transformation, in order to understand the education of these subjects through linguistic materiality. Therefore, It has been chosen the Instagram “Antes e depois real”, which shows in its posts the “before and after” photos, as well as a short description of how the weight loss process took place, in commented format, named, here, the Self-Narrative. Theoretically, this study is based on the concepts of SFG, more specifically to the ideational meta-function and the Transitivity System, proposed by Halliday (2004, 2014). The postulates of Fairclough (2008), Hall (2005), Cunha and Souza (2011) and Del Priore (2013) also guided the analysis of this article. Concerning the methodological aspects, it should be noted that the research is based on transdisciplinary study, as it combines Language Studies, Cultural Studies and Sociology. Furthermore, the approach is characterized as qualitative and quantitative, since it has been considered the importance of quantifying verbs in the process of data interpretation. The results of the analyzed narratives show the fragmentation of the subjects' identities, resulting from socio-cultural changes, in terms of body patterns, as well as the power relations that digital medias have over contemporary subjects.

Keywords: Systemic-Functional Grammar. Self Narrative. “Antes e depois real”.

Introdução

A busca pelo corpo perfeito tem sido, ao longo dos anos, um fator que incita diálogos em diversos estratos da sociedade e acompanha as mudanças socioculturais. Isso porque, consoante ao pensamento de Del Priore (2013), os estereótipos corporais sofreram alterações, principalmente o feminino. Desse modo, entendemos que a “boa aparência” e a busca pelo pertencimento aos padrões impostos – em especial pela mídia – são pautas recorrentes em áreas como a Sociologia, os Estudos Culturais e os Estudos da Linguagem, justificando, assim, esta discussão.

Partindo dessa premissa, é válido destacar que a Linguística Sistêmico-Funcional estabelece um diálogo com as teorias da Análise Crítica do Discurso – doravante ACD –, principalmente quando o objeto de estudo nos conduz aos fundamentos das metafunções, bem como dos Sistemas de Avaliatividade e de Transitividade. Assim, como toda análise fundamentada na ACD, partimos de um problema que se

encontra enraizado, geralmente, em relações de poder e na naturalização de discursos de uma minoria que, por sua vez, se torna hegemônica. Nessa direção, verificar as Narrativas do Eu presentes na página “Antes e depois real”, no *Instagram*, leva-nos a discutir as relações de poder, em especial a imposição de um corpo dito ideal nas redes sociais, e as contribuições para a (trans)formação identitária feminina, sob a ótica da metafunção Ideacional e do Sistema de Transitividade.

Para isso, precisamos, primeiramente, entender o que é um “corpo perfeito”, a partir dos preceitos disseminados pela mídia, e como essa imagem é exposta e perpetuada em nosso imaginário social. Por conseguinte, é importante discutir qual o papel da linguagem no fomento desse ideal, assim como os meios pelos quais essa linguagem é construída, o que nesta pesquisa se dá por meio de uma rede social específica, a saber, a página do *Instagram* “Antes e depois real”.

Com o intuito de dar conta da materialidade linguística, a ACD alia-se à GSF, importando alguns de seus preceitos, tais como o Sistema de Avaliatividade e o Sistema de Transitividade. Neste artigo, conforme já mencionado, utilizaremos somente a Transitividade como foco das nossas análises, pois, concordando com Vian Jr (2010), a GSF é ampla, complexa e abarca inúmeras categorias, implicando, portanto, na escolha de um viés, mesmo que, em um dado momento, haja diálogo com outras categorias dessa área.

Este artigo, em suma, está dividido da seguinte forma: Primeiramente, discorreremos sobre a Análise Crítica do Discurso e a relação que esta estabelece com as categorias analíticas da Gramática Sistêmico-Funcional. Em seguida, discutimos sobre o corpo e as inúmeras transformações quanto aos estereótipos evidenciados nas redes sociais; apontamos os aspectos metodológicos que nortearam este artigo e, por fim, apresentamos as três Narrativas do Eu e as respectivas análises.

A busca pelo corpo perfeito sob a ótica da Gramática Sistêmico-Funcional e da Análise Crítica do Discurso

A Análise Crítica do Discurso é uma abordagem relativamente nova quando comparada a outros campos de estudo da linguagem. Desenvolvida a partir de 1991, sob a tutela de grandes pesquisadores, dentre eles, Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Teo van Leeuwen e Ruth Wodak, a ACD era a tentativa de lançar uma abordagem que servisse de intercâmbio entre esses pesquisadores.

Após o lançamento de algumas obras, tais como *Language and Power*, de Norman Fairclough (1989), *Language, Power and Ideology*, de Ruth Wodak (1989), ou do primeiro livro sobre racismo a partir da perspectiva da ACD, escrito por Teun van Dijk, *Prejudice in Discourse* (1984), a teoria se afirmava e se institucionalizava.

Ainda sobre os aspectos gerais que determinam a ACD, é relevante pontuar como a teoria está ligada ao desejo de investigar criticamente alguns problemas que se consolidam em nossa sociedade, tais como desigualdade social, relações de poder e hegemonia. Salientamos que essa investigação é feita através da linguagem, ou seja, observando como ela é expressa, é constituída e é legitimada através do discurso. Isso pode ser comprovado a partir das palavras de Habermas (1977), ao afirmar que

a linguagem também é um meio de dominação e força social. Ela serve para legitimar relações de poder organizado. Na medida em que as legitimações das relações de poder, [...] não são articuladas, [...] a linguagem é também ideológica (HABERMAS, 1977, p. 259).

A partir dessa concepção, verificar a ideologia, a construção identitária, o “corpo”, as relações de poder e como isso se engendra nas redes sociais, legitimados a partir da e na linguagem é fazer um estudo que contempla os paradigmas estabelecidos pela ACD.

Ratificando essa ideia, Fairclough (2008) faz algumas análises de textos expostos nos meios de comunicação de massa e mostra como, ao contrário do que as redes sociais querem nos fazer pensar, não há uma neutralidade ou transparência, e isso se dá ao fato de que a linguagem não é neutra, ela está embebida em fatores sociais e é mediada por um agente que também não é neutro.

A respeito disso, Charaudeau (2009) explica que a mídia de massa que engloba o discurso público faz refletir, objetivamente, os fatos de forma aparentemente desinteressada e, por esse motivo, não pode ser vista como neutra e transparente. Dessa forma, inferimos que ela opera, significativamente, de forma ideológica e não pode ser vista como um campo da neutralidade.

Temos, assim, um espaço de poder, de lutas, de (des) construção identitária, altamente ideológico. Nesse sentido, em um espaço tão aberto, é fácil percebemos uma confluência de discursos, que Hall (2005) chamaria de “Narrativas do Eu”, isto é, as narrativas produzidas como um alívio à “crise identitária” instaurada nos sujeitos.

Ademais, para melhor entender o que chamamos aqui de “Narrativas do Eu”, é preciso, antes de tudo, entender que há um processo que desloca as estruturas, e seus centros, nas sociedades tidas como modernas e isso provoca um abalo nos quadros de referência e nas zonas de conforto que os indivíduos possuem, lhes proporcionando uma ancoragem instável no mundo social, ou seja, a crise identitária (HALL, 2005). Em síntese, não há mais uma definição sólida de um sujeito único, com uma identidade homogênea, estável e imutável; ele está sempre em (trans)formação.

É nessa perspectiva fragmentada, apresentada por Hall (2005), que o sujeito passa a falar sobre o seu “mal-estar” social, isto é, como se fosse uma válvula de escape. O sujeito passa a produzir sua narrativa, sua verdade sobre si mesmo, sua *parresía* (FOUCAULT, 1984). Acerca disso, Halliday e Matthiessen (2014) afirmam existir imprecisão entre os espaços público e privado nas redes sociais. Nesse sentido, o ambiente digital, em que a realidade administrada pelo sujeito é gerida e exposta, é campo, a princípio, público, mas, ao trazer um relato íntimo, se configura como pertencente ao âmbito particular, uma vez que é cercado pela visão de mundo, mostrando como as fronteiras se apagam, levando o sujeito a produzir um discurso pleno de ideologia e revelando, assim, um possível objeto de estudo de interesse.

Uma vez delimitado o papel da Análise Crítica do Discurso, neste texto, discorreremos, agora, sobre as questões relativas à Gramática Sistêmico-Funcional, ou seja, à materialidade linguística dos discursos em análise. *A priori*, é basilar pontuar que a GSF, desde os primórdios da ACD, é uma forte aliada nas pesquisas. Isso se dá porque é possível perceber, através de mecanismos gramaticais sistemáticos, como se estabelecem e se naturalizam hierarquias sociais, isto é, as relações de poder se tornam mais aparentes através do mapeamento dos mecanismos léxico-gramaticais estudados na GSF.

Todavia, vale ressaltar que a GSF não é uma abordagem filiada à ACD, embora o modelo sistêmico-funcional de linguagem que vem sendo desenvolvido por Halliday, desde o início dos anos 1960, sirva de arcabouço para a análise discursiva da ACD, uma vez que proporciona subsídios linguísticos necessários para se debruçar sobre o texto permeado do aspecto social. Logo, diferente de outras gramáticas, ela é independente e transdisciplinar, uma vez que recorre a diversas áreas do conhecimento, conforme defende Fairclough (2003).

Dito isso, é preciso entender de que maneira a GSF investiga os mecanismos gramaticais e de como aborda o estrato do sentido. Halliday (2004), em seus estudos, atesta que as línguas se organizam em três esferas/estratos de sentido, sendo eles as macrofunções ou metafunções, que se dividem da seguinte forma: ideacional, interpessoal e textual. Ele afirma, ainda, que esses estratos agem ao mesmo tempo, embora possam ser analisados separadamente. Dentro desses estratos, nos interessa, especificamente, o ideacional.

A metafunção ideacional se constitui através da Lógica e do Experiencial, sendo neste último que atua o Sistema de Transitividade, nosso recorte teórico para análise textual. Esse sistema constitui um conjunto de significados ideacionais, implicando uma preocupação centrada na experiência, isto é, de como a linguagem constrói a experiência humana (especificamente em relação a seus significados ideacionais por meio do componente experiencial).

A transitividade, nesse sistema, diferentemente da noção tradicional que a limita ao verbo e seus complementos, relaciona-se a toda a oração, formada por processos, participantes e eventuais circunstâncias. O quadro 1 mostra, resumidamente, os três componentes da oração: processos, participantes e circunstâncias, sendo o processo o elemento central, em torno do qual orbitam os demais elementos.

Quadro 1 – Resumo dos elementos da oração

Processo	Participante	Circunstância
Ação e/ou experiência.	Sujeitos que atuam no processo de forma direta ou indireta.	O modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que o processo se desdobra.

Fonte: Adaptado de Cunha (2015).

É crucial enfatizar, ainda, que os circunstantes são elementos opcionais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Os autores, inclusive, afirmam que a “configuração processo + participante constitui o centro experiencial da oração” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 221). Entretanto, não há um elemento mais importante, pois, ainda que o processo e os participantes sejam os elementos centrais, as circunstâncias são de suma importância na compreensão da análise. Com relação aos processos e participantes, Cunha e Souza (2011), baseadas em Halliday, nos mostram que há seis tipos diferentes, sintetizados no quadro 2.

Quadro 2 – Processos, significados e participantes

Processo	Significado	Participantes obrigatórios	Participantes opcionais
Material	Fazer, acontecer	Ator	Meta, Extensão e Beneficiário
Mental	Sentir	Experienciador e Fenômeno	-
Relacional: Atributivo Identificador	Ser Classificar Definir	Portador e Atributo Característica e Valor	-
Verbal	Dizer	Dizente e Verbiagem (ou Dito)	Receptor
Existencial	Existir	Existente	-
Comportamental	Comportar-se	Comportante	Behavior

Fonte: Cunha e Souza (2011).

Como veremos adiante, nem todos os processos aparecem nas Narrativas do Eu escolhidas para esta análise, como é o caso do processo comportamental. No entanto, isso não implica dizer que ele não possa aparecer em outras Narrativas. Por ser uma narrativa pessoal, que procura mostrar a tensão gerada pela crise identitária, a presença de alguns processos – e o apagamento de outros – dependem do contexto em que essas narrativas aparecem, isto é, o contexto, o gerador de tensão, é o que impulsiona o uso dos processos.

Quanto às circunstâncias, Cunha (2015) aponta alguns tipos, identificadas no quadro 3.

Quadro 3 – Representação das circunstâncias

Tipos de circunstâncias	
1. Extensão	Distância
	Duração
	Frequência
2. Localização	Lugar
	Tempo
3. Modo	Meio
	Qualidade
	Comparação
	Grau
4. Causa	Razão
	Propósito
	Interesse/representação

5. Contingência	Condição
	Falta
	Concessão
6. Acompanhamento	Comitativo
	Aditivo
7. Papel	Estilo/Aparência
	Produto
8. Assunto	(sobre o quê?)
9. Ângulo	Recurso
	Ponto de vista

Fonte: adaptação de Cunha (2015).

Delimitadas as categorias que nortearão as análises deste trabalho, elencamos, na sequência, as principais concepções sobre o corpo feminino no Brasil e as mudanças socioculturais que estão imbricadas na ideia do corpo perfeito, na prioridade atribuída à estética e, sobretudo, na forma como as mídias, em especial as redes sociais, perpetuam os estereótipos do corpo belo, escultural.

É crucial enfatizar, em primeira instância, os estudos de Del Priore (2013) ao delinear as inúmeras mudanças quanto às concepções do corpo feminino no Brasil. A autora pontua, de início, que as mulheres rotuladas como belas, no século XIX, eram “possuidoras de um **corpo-ampulheta**, verdadeiras construções trabalhadas por espartilhos e anquilhas capazes de comprimir ventres e costas, projetando seios e nádegas” (DEL PRIORE, 2013, p. 211–212, grifos nossos).

E, continua, expondo que:

as transformações do corpo da mulher brasileira foram brutais. Uma radicalização compulsiva e ansiosa a impeliu nos últimos dez anos, e continua a impeli-la, para a tríade abençoada pela mídia: ser bela, ser jovem, ser saudável! Graças à supremacia das imagens, instaurou-se a tirania da perfeição física. Hoje, todas querem ser magras, leves, turbinadas (DEL PRIORE, 2013, p. 230–231).

Como podemos constatar, a partir das citações acima, a Mídia foi condicionante no processo de imposição dos modelos de corpos tidos como perfeitos. Acerca disso, Meira (2016) explica que a imprensa feminina, em especial as revistas, contribuiu para a reafirmação desses estereótipos, uma vez que os anúncios publicitários, as fotografias e, principalmente, os corpos das mulheres que compunham as capas desse meio de comunicação de massa reafirmavam o discurso da mídia quanto ao belo.

Com isso, a ânsia de acompanhar as novidades em cosméticos, em procedimentos estéticos e hábitos – alimentares e esportivos – que as levassem ao corpo perfeito era cada vez mais notória. Por vezes, essa busca pelo belo era associada à felicidade individual e, posteriormente, se constituiu em um narcisismo coletivo. Assim, a beleza foi-se consagrando como uma espécie de condição para as relações sociais. Para Del Priore, a beleza está:

banalizada, estereotipada, ela invade o cotidiano através da televisão, do cinema, da mídia. Nas praias, nas ruas, em estádios ou salas de ginástica, ela exerce uma ditadura permanente, humilhando e afetando os que não se dobram ao seu império (DEL PRIORE, 2013, p. 242).

Ainda sobre a concepção de beleza, Lipovetsky (2000) defende que a magreza está em alta e mesmo as que não estão com excesso de peso expressam o desejo de emagrecer. Mas nem sempre foi assim, pois, como já mencionado anteriormente, o padrão de beleza do corpo feminino sofreu profundas transformações, que, por sua vez, acompanharam as mudanças sociais e o poder de persuasão da mídia. Sobre isso o autor afirma que:

as Vênus dos anos 50 podem parecer-nos um tanto ‘roliças’. É verdade que o ideal feminino da magreza encontra seus limites: as top models atuais se afastam da estética ‘cabide’ e ilustram certo retorno às ‘formas’ femininas. Mas, ao mesmo tempo, nunca as mulheres combateram com tanto empenho tudo que parece flácido, gordo, mole. Já não basta não ser gorda, é preciso construir um corpo firme, musculoso e tônico, livre de qualquer marca de relaxamento ou moleza (LIPOVETSKY, 2000, p. 133).

As palavras do autor nos permitem compreender as inúmeras transformações quanto ao ideal de corpo perfeito. Se antes o desejo se voltava para um corpo cheio de curvas, como uma ampulheta, hoje, a magreza – com um certo tônus muscular – ganha espaço e invade as diversas mídias digitais. É a era do corpo turbinado, siliconizado, que atinge a perfeição mediante dietas milagrosas, muita disciplina em academias, mas, sobretudo, a partir de intervenções cirúrgicas.

A respeito da cirurgia plástica, Sant’Anna (2014) explica que esta é proporcional ao medo de envelhecer. Conforme a autora, após a década de 1960, há uma tendência de se referir à velhice como algo passageiro, ou seja, que é passível de reversão. Dessa forma, “rejuvenescer tornou-se uma necessidade cada vez menos discutível para garantir emprego, cônjuge e aceitação social”, implicando diferenças no que tange às expressões “envelhecer bem ou mal” (SANT’ANNA, 2014, p. 167).

A autora afirma, também, que não cuidar do próprio corpo, conforme preconizam as mídias, sugere um problema de autoestima, que, certamente, implica crises identitárias e dificuldades de aceitação no convívio em sociedade. Esse isolamento é, notadamente, uma característica da pós-modernidade e está, em certa parte, diretamente relacionado ao surgimento das redes sociais, tendo em vista os relacionamentos também sofrerem profundas transformações. É o que Bauman (2005) nomeia como liquidez, volatilidade e efemeridade.

Aspectos metodológicos em cena

Nossa pesquisa está inserida na área das Ciências Humanas e Sociais, mais especificamente nos Estudos da Linguagem (MOITA LOPES, 2006). No que diz respeito ao tipo de abordagem, este se caracteriza como qualitativo e quantitativo, haja vista os dados quantificadores fortalecerem os argumentos, constituindo indicadores importantes para análises qualitativas.

Em relação à estratégia, de acordo com os preceitos de Creswell (2010), enquadra-se na exploratória sequencial, visto que os dados qualitativos são, primeiramente, coletados e analisados. Por conseguinte, o processo ocorre com os dados quantitativos, embora o foco esteja nos resultados qualitativos iniciais. Isso implica dizer, sumariamente, que a quantificação dentro do Sistema de Transitividade, neste texto, tem como objetivo macro auxiliar na associação das categorias da metafunção ideacional, importando-nos verificar como o uso de determinados aspectos léxico-gramaticais geram efeitos de sentidos nos seguidores da página do Instagram “Antes e depois real”, fragmentando, portanto, suas identidades.

Para tanto, foram escolhidos três posts, ou como nomeamos neste trabalho, Narrativas do Eu. Os critérios utilizados no momento de escolha estão ancorados no arcabouço teórico de Hall (2005), ou seja, precisávamos de textos que narrassem uma verdade¹ sobre o sujeito², por ele mesmo, como alívio para as tensões causadas em decorrência da crise identitária.

¹ Mais do que experiências, o sujeito precisa contar o que para ele seria a verdade sobre si e sobre os outros.

² Sujeito, na GSF, é uma categoria da metafunção interpessoal e não da metafunção ideacional. Sendo assim, a terminologia “sujeito” aqui utilizada segue a proposta de “sujeito” apresentado por Hall (2005).

É relevante sublinhar, por fim, que a mídia “*Instagram*”³ foi a selecionada, embora a página “Antes e Depois real” coexista em mais de uma rede social. A seleção se deu por ser um ambiente com textos relativamente curtos, de acesso público, em que os participantes podem contar suas histórias de superação, com depoimento acompanhado por fotos e possibilidade de receber comentários.

A seguir, dispomos as três narrativas, seguidas das análises e, no fim da terceira análise, um quadro que indica a quantificação dos processos no *corpus*.

Trilhas que conduzem às análises: Narrativas do EU na página do *Instagram* “Antes e Depois real”

Passemos às narrativas presentes no perfil “Antes e Depois real”. Reiteramos que todas as narrativas são acompanhadas de fotos, evidenciando a mudança corporal vivenciada pelos sujeitos. Estas imagens, por sua vez, são apresentadas como um triunfo e como uma prova exterior de uma mudança, que, segundo os sujeitos envolvidos no emagrecimento, ocorrem, primeiramente, em suas mentes.

Na narrativa 1, por exemplo, vemos que a apresentação da transformação identitária, consoante às ideias de Hall (2005), começa por um processo material “cheguei”, seguido de uma circunstância de lugar “ao fundo do poço”. Embora não esteja marcado visualmente, podemos depreender o participante desse processo, o Ator, o “eu” da narrativa, pois ele marca a tensão identitária e o início da jornada de mudança do sujeito.

³ A página do *Facebook* é diretamente ligada à página do *Instagram*. Sendo assim, todas as postagens do *Facebook* também se encontram no *Instagram*, mas nem todas as postagens do *Instagram* estão na página do *Facebook*. Por essa razão, optamos por essa mídia social específica.

Narrativa 1 – Recuperação da autoestima

"Cheguei no fundo do poço!
Me senti feia;
Me senti derrotada;
Me senti incapaz de controlar meus desejos pela comida;
Não queria mais me olhar no espelho;
Achava que era "viciada" em açúcar.
Nenhum shorts servia e eu me recusava a comprar tamanho maior.
Ja sai por ai com roupa apertada pra "ter vergonha na cara" e parar de comer.

·

Não me lembro aonde que vi sobre Dieta Flexível pela primeira vez.. MAS AGRADEÇO MUITO por essa bênção ter entrado na minha vida! 🙏
Hoje em dia me sinto uma pessoa normal que come sem culpa, que aproveita a comida sem pensar: VOU ENGORDAR COMENDO ISSO!
Me sinto leve, me sinto em paz!
ESTOU ME AMANDO CADA VEZ MAIS!

·

Algumas pessoas vem me criticar e falar que eu me acho.. Querida eu me acho SIM! Me acho pra caralho e vou me achar cada vez mais! Só eu sei das batalhas (internas) que venci!
VOCÊ NÃO É A DONA DA RAZÃO! Eu tbm não sou!
Mas, eu sou dona do meu mundo e o meu mundo é um castelo, e A RAINHA SOU EU! 🏰

·

Então peço que SE PREPAREM pois vou me achar muuuito mais e não tenho mais paciência para mimimis.

·

E para todas as topissimas que me seguem, cara NÃO DESISTA DE VOCÊ! ❤️"

Fonte: Bozan (2019).

Como mostra o texto, após começar por um processo material, o sujeito passa a utilizar apenas processos mentais (*senti, queria, achava*) para reforçar sua posição de rejeição social e auto-rejeição. Esta visão de um corpo perfeito, legitimado pelos padrões midiáticos e sociais, conforme Del Priore (2013), fazia com que visse seu próprio corpo como algo ruim, através das circunstâncias de modo/qualidade: *feia, derrotada, incapaz*.

Embora os processos materiais continuem aparecendo ao longo do texto – *sair, parar, vencer*, por exemplo –, é nítido que há uma predominância dos processos mentais, processos relacionais – *ser, estar* – e processos verbais – *peço, critica* – e isso é uma consequência direta de uma Narrativa do Eu. Nesse caso, mais importante que os processos e os participantes que seguem uma certa linearidade, o elemento que mais chama atenção é a circunstância.

Como mostra o texto, as circunstâncias vão, ao longo do texto, sofrendo mutação, junto com o corpo, mostrando um movimento de alívio para a crise identitária, a partir do momento em que o corpo rejeitado passa a tomar a forma que o sujeito almeja através dos padrões pré-estabelecidos. Notadamente, o belo é, nesse caso, um pré-requisito à felicidade individual (MEIRA, 2016).

Nesse sentido, o que se percebe é que o sujeito passa a apresentar circunstâncias que marcam uma identidade positiva quanto a sua visão sobre si mesmo. Podemos verificar isso através dos atributos: *normal*, *dona*, *rainha*. É interessante ressaltar, também, que essas circunstâncias são descritas no texto exatamente nessa ordem, em uma escala de satisfação própria, mostrando, assim, a transformação identitária.

Narrativa 2 – Humilhados sendo exaltados

“A Gorda

Simmm...eu já fui a gorda, a obesa e sofri muito em todos os sentidos que vocês possam imaginar, bullying, preconceito, olhares impiedosos, risadas em horas impróprias, todos os tipos de piadas na rua e principalmente quando andava de ônibus. Também já fui traída e abandonada noiva no altar. Já quebrei cadeiras em festas, já fui cusvida e outras coisas também. Essa sou eu ... e fui humilhada de todas as formas pelo meu ex. Mais agora é ele que corre atrás”

Fonte: Chagas (2019).

Na narrativa 2, temos, novamente, a presença de um processo mental cujo Ator é o sujeito da Narrativa do Eu (*sofri*), sob circunstâncias diferentes, mas todas consideradas ruins pelo sujeito, e todas como consequência de ter um determinado corpo. Mas, o que chama atenção nessa narrativa é que, diferente da narrativa 1, esta tem um número considerável de processos materiais, sendo que, em apenas dois (*andava* e *quebrei*) o Ator é o sujeito da narrativa; nos demais processos materiais, o Ator é o algoz que se materializa principalmente na figura do “ex”, mas também se apresenta em muitas outras vozes, e o sujeito é a meta/vítima, o que podemos recuperar através da estrutura passiva das orações.

Isso mostra que há relações de poder presentes no texto (FAIRCLOUGH, 2008), pois, embora o sujeito tenha tido uma mudança em seu corpo, o discurso continua com processos materiais presos a

atores externos; seja o “ex”, seja as demais vozes opressoras. Vemos isso mais facilmente quando o sujeito traz seu “ex” para o texto e coloca-o como ator nos dois processos, “humilhar” e “correr”, ou seja, embora a intenção comunicativa seja mostrar que há uma superação, uma vez que é “ele quem está correndo atrás”, mais uma vez o sujeito se coloca como beneficiário, ou seja, não há avanço quanto aos processos materiais, assim como ser “traída” e “abandonada” aparecem como atributos resultantes de processos materiais realizados por um Ator, que não é o sujeito da narrativa.

Narrativa 3 – Metamorfose física e emocional

antesedepoisreal Mais um super depoimento do [@direitos_dos_bariatricados](#) "Meu nome é Shayenne e estou há 1 ano e 4 meses em pura metamorfose, um período de mudanças extraordinárias em minha vida. Fiz bariátrica em 17.01.18 e logo fui avisada pelo convênio que era bom eu já ir guardando dinheiro pois o plano só cobriria a barriga e as demais cirurgias seriam sem chance, até aí ok.

Fiz minha bariátrica e com 6 meses bati a meta médica, quando fiz um ano comecei a procurar passo a passo de como conseguir as tão sonhadas reparadoras. Conheci essa linda da Dra. Raphaella com uma amiga em comum da bariátrica.

Conversamos e acertamos as coisas e, em 24 horas, saiu minha liminar!

Ela me mandou um mensagem toda doce perguntando se eu queria a notícia naquela hora ou no outro dia cedo. Comecei a chorar na lotação indo pra casa, não consegui conter a emoção, me senti a pessoa mais feliz e realizada desse mundo!

Não tenho dúvidas que a Dra. Raphaella é a melhor pessoa e profissional do mundo todo ❤️❤️"

Fonte: Arimura (2019).

Por fim, na narrativa 3, temos a presença de processos mentais, relacionais e verbais. Entretanto, também vemos processos materiais, cujo Ator é o sujeito da narrativa. Embora apareçam outros Atores, em alguns momentos do texto, é nítida a predominância do sujeito da narrativa como o Ator de seus processos materiais, o que a faz ser diferente das duas primeiras narrativas. Outro fator que chama a atenção é que os outros Atores dos processos materiais não são vistos de forma negativa, mas como parceiros na luta para alcançar os direitos e os sonhos.

Também temos mais um ponto em que essa narrativa diverge das outras duas: embora mostre a mudança no corpo e a importância em conseguir esse corpo, visto pelo sujeito como ideal, a narrativa foca em como o sujeito lutou pelo direito a ter todas as suas cirurgias cobertas pelo plano de saúde. Logo, não é apenas uma narrativa de superação referente à mudança corporal, mas é, também, uma narrativa sobre lutar pela garantia dos seus direitos. Nessa direção, vemos aquilo que Del Priore (2013) chama de “tríade abençoada pela mídia”, isto é, o sujeito não está somente querendo ser belo, visto que ele busca a juventude e seu vigor, através da luta e a vida saudável proporcionada pelas intervenções médicas.

O quadro 4 apresenta a frequência dos processos encontrados nas postagens.

Quadro 4 – Quantidade de processos presentes no corpus

Quantidade especificada	Processo
Cheguei (1) Usei (1) Servia (1) Quebrei (1) Andava (1) Fui Traída (1) Fui Humilhada (1) Fui Cuspida (1) Correr (1) Comer/comendo (3) Engordar (1) Medir (1) Repassava (1) Sai/saiu (3) Parar (1) Entrado (1) Aproveita (1) Venci (1) Segue (1) Desistir (1) Fiz (3) Cobriria (1) Guardando (1) Comecei a procurar (1) Comecei a chorar (1) Bati (1) Consegui (2) Passou (1) Mandou (1) Ajudar (1)	Material Total de: 37

Pensar (1) Senti (4) Queria (2) Sofri (1) Imaginar (1) Me Amando (1) Lembro (1) Acreditava (1) Devemos Julgar (1) Acho (5) Sei (3) Conheci (1) Encantou (1)	Mental Total de:23
Sou/fui (5) Ter/tenho (4) Estou/estava (5) Fique (1)	Relacional: Atributivo Identificador Total de: 15
Fui Avisada (1) Agradeço (1) Recusava (1) Peço (2) Criticar (1) Falar (1) Conversar/conversamos (2) Acertamos (1) Perguntando (1)	Verbal Total de: 11
-	Existencial Total de: 0
-	Comportamental Total de: 0

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em resumo, as três narrativas mostram como o corpo é um elemento chave e, por meio dos processos apresentados (quadro 4) e das análises, vemos que existe uma crise identitária que precisa de um alívio, isto é, não basta apenas passar pela transformação corporal, o sujeito precisa narrar sua conquista, implicando em um alívio atingido pela narrativa de sua verdade. Também verificamos que embora sejam todas Narrativas do Eu e tenham um tema em comum – o processo de emagrecimento e consequente mudança corporal –, não há uma fórmula, visto que os processos predominantes nas narrativas não foram os mesmos, em algumas predomina o mental, em outras o material, e nessas, também não houve uniformidade, pois ora o Ator predominante é o algoz, ora é o parceiro de luta.

Considerações finais

As discussões sobre o corpo feminino e os padrões impostos pela mídia permeiam as práticas sociais há muitos anos e este texto nos permite afirmar que as mudanças relativas a esses estereótipos estão longe de findar. Afinal, em determinados trechos, percebemos que, além da Mídia, temos também as instituições Família (narrativa 2) e Ciência/Medicina (narrativa 3) como fortes agentes nesse processo de manipulação, até mais que a mídia estudada aqui. Embora a plataforma “Antes e depois real” não manipule diretamente seus interlocutores, ao expor os corpos transformados de maneira tão positiva, produz esse efeito de sentido ainda que a intenção não seja tão transparente.

Dessa forma, é válido destacar que a página “Antes e Depois real” assume um importante papel no processo de (trans)formação identitária das seguidoras, uma vez que, ao ler a Narrativa do Eu, se identificam e buscam também sua história de superação.

Como já apontado, a condução das análises, a partir da Análise Crítica do Discurso e da Gramática Sistêmico-Funcional, resultou em uma perfeita harmonia, uma vez que propiciaram um mapeamento, através das categorias do Sistema de Transitividade, das relações de poder existentes nos discursos analisados nas Narrativas do Eu.

Enfatizamos, ainda, que a página do *Instagram* “Antes e Depois real” se mostra como um meio de veiculação de identidades cujos corpos são subjugados a valores hegemônicos. As postagens em análise enfatizam, claramente, o posicionamento da página: o de incentivar a prática do emagrecimento, mostrando que, com as estratégias corretas – alimentação e atividade física –, todos podem ter êxito, resultando em um corpo belo e saudável, além de condizentes com os padrões hegemônicos. Convém destacar que esse sucesso, além da sensação de vitória, sugere um ideal de felicidade, haja vista ser o emagrecimento um processo árduo. Esse incentivo alimenta as relações assimétricas de poder, reforçando as concepções de corpo pautadas na ideia de magreza.

Por fim, reiteramos que fazer pesquisa contemplando o corpo feminino, as redes sociais e a análise dos discursos a partir da Gramática Sistêmico-Funcional nos impulsiona a continuar investigando o delinear de novos estudos, de novas Narrativas do Eu, de novas mudanças sociais quanto ao estereótipo do corpo perfeito. Na pós-modernidade, o corpo feminino ideal é, notadamente, o corpo magro, mas com curvas, firme, jovem e hipertrofiado. Daqui a alguns anos quem sabe qual será o perfil de perfeição?

Referências

ARIMURA, Raphaella Arantes. **Metamorfose física e emocional**. 25. jun. 2019. Instagram: @direitos_dos_bariatricados. Disponível em <https://www.instagram.com/antesedepoisreal/> Acesso em 30. jun. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOZAN, Bárbara. **Recuperação da autoestima**. 20. maio. 2019. Instagram: @barbarabozan. Disponível em <https://www.instagram.com/antesedepoisreal/> Acesso em 01. jun. 2019.

CHAGAS, Laura Lima. **Humilhados sendo exaltados**. 17. maio. 2019. Instagram: @lauralimachagas. Disponível em <https://www.instagram.com/antesedepoisreal/> Acesso em 01.jun.2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre (RS): Artmed, 2010.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

CUNHA, Danielle Brito da. **Análise crítica da (des)(re)construção identitária em produções de narrativas de mulheres vítimas de violência de gênero**. 2015. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013.

DIJK, Teun van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

DIJK, Teun van. **Prejudice in discourse**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. New York: Longman, 1989.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1984.

HABERMAS, Jürgen. **Erkenntnis und interesse**. Frankfurt: Suhrkamp, 1977.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP e A, 2005.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An Introduction to Functional Grammar**. 3. ed. Revised by Christian Mathias Ingemar Martin Matthiessen. London: Arnould, 2004.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Mathias Ingemar Martin. **Introduction to functional grammar**. 4. ed. London, New York: Routledge, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MEIRA, Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva. **Permanências e rupturas nos discursos femininos: estudo crítico na Fanpage Claudia Online**. 2016. 180 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org). **Por uma linguística aplicada interdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **A história da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

VIAN Jr., Orlando. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN Jr., Orlando; SOUZA, Anderson; ALMEIDA, Fabíola. (Org.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

WODAK, Ruth. **Language, Power and Ideology**: Studies in political discourse. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1989.